

FERNANDES, V. **O Homem Que Caminhava**. In: Convergentes. Rio de Janeiro: Editora Guemanisse, 2007

O Homem Que Caminhava

José da Silva Passos, ou apenas Passos, não tinha um rumo a seguir, muito menos a intenção de chegar a qualquer lugar. Não procurava nada, não queria nada. Apenas caminhava, causando certa curiosidade naqueles que o vinham, mas não conseguiam entender o porque daquele ato. Essa perplexidade não o incomodava, pois nem mesmo ele possuía a resposta.

Os antigos diziam que desde que saíra de casa, tinha passado por muitas cidades e encontrado milhares de pessoas. Não havia deixado nada de valor, pois vivia sozinho, sem emprego e a sua vida se resumia a andar, andar e andar. Para se alimentar e descansar dependia da boa vontade dos moradores dos lugares por onde passava. Levava consigo apenas a roupa do corpo e um velho casaco de couro marrom, muito desbotado, que o ajudava a enfrentar o frio.

Muitos garantem que, em diferentes momentos, o acompanharam, compartilhando com ele auroras e crepúsculos, espetáculos que se apresentavam todos os dias e traziam, respectivamente, a esperança de um novo dia e o sentimento aliviado do término de mais um ciclo. A beleza dos vales, das montanhas, das matas e dos rios era contemplada, pois estava ali, no caminho, como sempre diante dos olhos, mas somente enxergada porque não havia a preocupação do dia-a-dia.

Passos não falava nada. Apenas ouvia os homens e as mulheres que andavam ao seu lado. Eram de todos os tipos e raças, idades e crenças. Contavam suas histórias, sofrimentos e alegrias vividas, que ao serem externadas proporcionavam uma paz indescritível para seus narradores.

Num desses relatos, Maria da Paz, uma jovem muito bonita, de aparência frágil e cândida, que enternecia a qualquer um, expôs todo o conflito que vivia. Nascida de família pobre no seco e improdutivo sertão, saíra de casa ainda criança após sofrer, sob o consentimento da mãe, todo tipo de violência e abuso por parte do pai: isso era comum naquela região tanto quanto a fome de seus moradores. A menina não conseguia entender a razão de o mundo ser assim, pois ela nem imaginava como funcionava a indústria da miséria e da ignorância que norteava a vida daquele povo.

Após fugir e sem ter para onde ir, seguiu pela estrada de chão duro e rachado até chegar à pequena cidade. Já era de noite, estava cansada, com fome e toda suja. Deitou-se no banco da praça da igreja e, sem que fosse notada pelas pessoas que ali passavam, dormiu com a esperança de acordar daquele real sonho triste.

Foi acordada de manhã, por uma senhora com roupas bonitas e coloridas, apesar de envelhecidas. Seu rosto estava carregado de maquiagem, que escondiam os traços cansados e as marcas do sofrimento de quem vive numa região muito pobre. Amores, como era conhecida, sem pensar duas vezes, conduziu a frágil menina para sua casa onde lhe deu um banho e comida. Enquanto observava Maria comendo como se fosse a última refeição da vida, Amores sentia um misto de felicidade e tristeza, pois sabia que aquela criaturinha linda que estava ajudando, como se fosse a filha que nunca tivera, não poderia morar ali, naquela casa onde ela proporcionava, através de suas comandadas, o divertimento dos viajantes que atravessavam o rude sertão.

Pela primeira vez na vida, Maria tinha sido cuidada carinhosamente por alguém e, se pudesse escolher, ficaria ali sob a proteção daquela mulher. Mas isso não lhe foi permitido, afinal de contas aquele não era ambiente para uma criança e poderia conduzi-la para uma má vida.

A cada passagem da sua história, contada a Passos que permanecia como sempre num profundo silêncio, a jovem sentia-se mais e mais aliviada, envolvida por todo deslumbramento e magia daquele caminho e pela total disponibilidade do andarilho em ouvir, sem interferir, o seu desabafo. Enquanto falava, Maria revivia e ponderava sobre tudo o que tinha enfrentado.

Lembrou-se de quando fora levada por Amores para uma instituição que cuidava de crianças sem família, e do triste semblante daquela mulher, que parecia estar sofrendo mais do que ela, no momento da despedida. Maria tinha então um lugar para ficar, tinha comida, tinha roupa, simples, mas sempre limpa, tinha atenção, tinha outras crianças para brincar, porém, apesar de todo o cuidado e carinho das pessoas que lá trabalhavam, sentia uma grande solidão no seu coração.

Ela ajudava, junto com os outros meninos e meninas, nos afazeres diários. Apesar de uma doçura sem igual, que contagiava a todos que procuravam crianças para adotar, não conseguiu uma nova família, principalmente pela sua idade, pois a preferência era por bebês. Ficou lá até atingir a juventude, quando devido às normas, teve que sair da instituição e batalhar pela sua sobrevivência. Nunca mais vira Amores.

Foi para a cidade grande, conduzida pela diretora do instituto de crianças, que a instalou provisoriamente num abrigo para pessoas que procuram emprego e orientou-a, mostrando os vários postos que ofereciam trabalho, indicando o que deveria fazer até que conseguisse uma ocupação. Desse modo, o estado estava terminando, satisfeito, o que considerava sua obrigação: cuidar da educação de crianças desamparadas e encaminhá-las, quando jovens, para o mercado de trabalho.

Naquele momento, Maria estava realmente sozinha, tudo era novidade na selva de pedra. Ninguém se preocupava com as dificuldades dos outros, muito menos com os de uma jovem, sem instrução, proveniente de uma instituição de crianças desamparadas. Não teve oportunidades, não conseguiu emprego, não era enxergada pela sociedade. A vida acolheu a jovem, a noite passou a ser o seu ganha-pão e o seu corpo, o instrumento de trabalho.

Talvez se tivesse sido criada por Amores e recebido os seus cuidados, não fosse tão facilmente levada para uma vida de humilhação. Mas essa era a sua realidade e a tristeza que sentia não era suficiente para matar a sua fome. Não podia deixar esse sentimento atrapalhar o seu trabalho, então, respirava fundo, vestia a máscara da felicidade e, com uma força resgatada lá do fundo de sua alma, saía para os encontros que proveriam o seu sustento.

Enquanto contava tudo ao caminhante, a jovem chorava desoladamente e a sua dor corria junto com as lágrimas, pelo rosto de traços tão meigos, mas precocemente envelhecido pelo sofrimento. A sublime visão da paisagem por que caminhavam, adornada pelo silêncio da natureza, devolveu a paz à Maria e ela parou a sua narrativa para expor o motivo pelo qual, por um acaso do destino, estava ali. Tinha abandonado a cidade e realmente não sabia para onde ir, procurava apenas um lugar onde pudesse encontrar o fim do seu calvário. Na sua mente, só a morte resolveria tudo isso.

Porém algo estava diferente, a revisão de vida que fizera plantou em seu pensamento e em seu coração, a idéia de que nem tudo estava perdido, que poderia haver uma mudança e ela sentiu que merecia uma nova chance. Começaria de novo, buscaria as pessoas para quem a sua vida tinha alguma importância e, que em algum momento, haviam demonstrado um carinho verdadeiro, principalmente tratando-a com dignidade.

Maria da Paz parou, estava decidida a encerrar ali a sua derradeira caminhada e retornar para a vida. Olhou com ternura para Passos, demonstrando toda a gratidão de

quem recuperara o sentido de viver. Ele, por sua vez, fitou-a, abriu um largo e cativante sorriso, e sem dizer uma só palavra seguiu o seu caminho.

Várias outras histórias foram narradas e revividas ao lado daquele andarilho, que ninguém sabe, hoje em dia, onde está. Não se tem a certeza de que esteja vivo e nem mesmo se realmente existiu, mas o seu caminho ficou conhecido. Esse trajeto, inicialmente chamado de caminho do Passos foi oficialmente batizado de "Caminho dos Passos" e é percorrido por milhares de pessoas que buscam, na beleza e no encantamento que a natureza ali apresenta, a paz interior para refletir e fazer uma revisão de vida, dando novo significado à própria existência, que exige o auto-conhecimento. Muitos peregrinos, que descansam nos albergues para turistas, construídos à beira daquele caminho, garantem que, iniciaram sozinhos a sua aventura, mas em nenhum momento se sentiram desamparados, pois puderam dividir as suas angústias e as suas alegrias com um desconhecido, que não sabem dizer quem era. Só sabem que era um homem que caminhava.

Vitor Fernandes